

Realização:



Mestrado Profissional
em Estudos Culturais,
Memória e Patrimônio



Universidade
Estadual de Goiás

Financiamento:



LEI
PAULO
GUSTAVO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Apoio:



SECRETARIA MUNICIPAL DE
CULTURA E TURISMO



PREFEITURA DE
ITAPUARANGA
GOVERNO PARTICIPATIVO E POPULAR

Jordana Pereira de Moraes
Luana Nunes Martins de Lima

FIANDEIRAS E TECEDEIRAS DO XIXÁ

o inventário de um saber-fazer

FIANDEIRAS E TECEDEIRAS DO XIXÁ - o inventário de um saber-fazer





Jordana Pereira de Moraes
Luana Nunes Martins de Lima

FIANDEIRAS E TECEDERAS DO XIXÁ

o inventário de um saber-fazer



A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Preparação de textos:

Jordana Pereira de Moraes
Luana Nunes Martins de Lima

Fotografias e transcrições:

Jordana Pereira de Moraes

Projeto Gráfico, Editoração e Arte de Capa:

Luana Nunes Martins de Lima

Apoio em Pesquisa:

Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Impressão:

Editora UICLAP

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Moraes, Jordana Pereira de
Fiandeiras e tecedeiras do Xixá : o inventário de
um saber-fazer / Jordana Pereira de Moraes, Luana
Nunes Martins de Lima. -- Itapuranga, GO : Ed. das
Autoras, 2024.

Bibliografia
ISBN 978-65-01-03406-5

1. Artes 2. Artesanato - Brasil 3. Cultura -
Brasil 4. Tecelagem I. Lima, Luana Nunes Martins de.
II. Título.

24-208425

CDD-745.50981

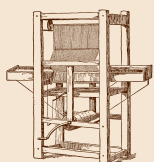
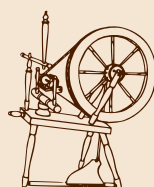
Índices para catálogo sistemático:

1. Tecelagem : Artesanato : Trabalhos manuais :
Artes 745.50981

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Obra em formato impresso e financiada com recursos da Lei Paulo Gustavo, através do Edital de Chamamento Público para Execução de Ações Culturais “Demais Áreas Culturais” Nº 14/2024. Apoio da Prefeitura de Itapuranga por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade das autoras.

Sumário



| | |
|---|----|
| Introdução | 7 |
| Um pouco sobre o Xixá..... | 9 |
| Metodologia | 11 |
| Etapas do processo de fiação | 13 |
| Etapas do processo de tecelagem artesanal | 14 |
| Carmelinda | 15 |
| Augusta | 16 |
| Iracedia | 17 |
| Neusa | 18 |
| Alvina | 19 |
| Divina Pereira | 20 |
| Albertina | 21 |
| Generosa | 22 |
| Luzia Souza | 23 |
| Lázara Souza | 24 |
| Darsones | 25 |
| Dorvina | 26 |
| Ana Oliveira..... | 27 |
| Luzia Rosa | 28 |
| Luordes | 29 |
| Divina de Araújo | 30 |
| Aparecida Câmara | 31 |
| Divina Camargo | 32 |
| Joelita | 33 |
| Emília | 34 |
| Divina Camilo..... | 35 |
| Domingas | 36 |
| Delcina | 37 |
| Sebastiana Florambel | 38 |
| Vitória | 39 |
| Aparecida Ordones | 40 |
| Judite | 41 |
| Irondes | 42 |
| Ivanda | 43 |
| Margarida | 44 |
| Lázara Lúcia | 45 |
| Maria de Lourdes | 46 |
| Iria | 47 |
| Sebastiane Pereira | 48 |
| Dionízia | 49 |
| Creusa | 50 |
| Maria José | 51 |
| Dolmira | 52 |
| Carmelita | 53 |
| Vilma..... | 54 |
| Gercina..... | 55 |
| Felisbina..... | 56 |
| Raimunda..... | 57 |
| Paula..... | 58 |
| Dercina..... | 59 |



| | |
|----------------------------|----|
| Ambrosina..... | 60 |
| Maria Neusa..... | 61 |
| Zilda..... | 62 |
| Rísia..... | 63 |
| Vicentina..... | 64 |
| Maria Aparecida | 65 |
| Maria de Santana..... | 66 |
| Elzi..... | 67 |
| Cecilia..... | 68 |
| Ana Justina..... | 69 |
| Maria Madalena..... | 70 |
| Maria Carolina..... | 71 |
| Maria Ilda..... | 72 |
| Considerações Finais | 73 |
| Referências..... | 75 |
| As autoras | 77 |



Introdução

No período de formação do povoado do Xixá, atual município de Itapuranga (Goiás), nas primeiras décadas do século XX, mulheres migrantes oriundas de Minas Gerais trouxeram consigo os utensílios e o saber-fazer da fiação e da tecelagem manual.

Historicamente, os ofícios são desenvolvidos por estas mulheres, desde o plantio do algodão até o último processo, que é a urdidura e a trama do tecido. As mulheres rurais naquele tempo já aprendiam a atividade como um pré-requisito para o casamento e para a complementação da renda familiar, produzindo cobertas, lençóis, toalhas, calças, camisas, entre outros, para uso próprio, de sua família e para a comercialização na região.

Atualmente, na região do antigo Xixá, encontra-se um grupo de mulheres bastante expressivo que preserva o saber-fazer da fiação e da tecelagem artesanal, ainda que com muitas limitações e mudanças em relação à forma como era realizado no passado. Antigamente, havia mutirões e traições, práticas muito comuns de solidariedade entre camponeses devido à própria escassez de mão-de-obra no campo, nas quais ocorre um ajuntamento combinado (mutirão) ou de surpresa (“traição” ou “treição”) para adiantar algum trabalho, terminando em grande festa. Atualmente essas práticas não se realizam mais, e as atividades que eram próprias do mundo rural foram introduzidas na área urbana, adaptadas aos espaços domésticos e aos quintais.

O saber-fazer das mulheres fiandeiras e tecedeiras estão entrelaçados aos saberes do campo. São tradições associadas ao modo de vida rural experienciado na realidade física e social do espaço-sertão de Goiás, até a modernização do campo e a intensificação da urbanização. O enfraquecimento da tradição pelo advento dos tempos modernos reflete uma mudança social profunda, que não diz respeito apenas ao acesso às inovações tecnológicas, mas a geração de uma lógica mercadológica que desintegrou muitas características da sociedade rural.

Os homens mais velhos costumam lamentar a perda de costumes “dos antigos”, como as trocas solidárias de bens (prendas), de serviços (mutirões) e de sentidos de vida, vividas em dias de festas feitas através do trabalho coletivo, ou dias de trabalho coletivo vivido como festa. [...] O que eles – os homens da terra – lamentam é o mesmo que nós devemos também lembrar e lamentar: a perda do princípio de solidariedade, de gratuidade e de generosidade nas relações entre pessoas, entre grupos humanos e mesmo entre povos e entre nações. (Brandão, 2007, p. 51).

Os mutirões e traições tinham um clima de trocas de afetos, saberes e sociabilidades que ocorriam nessa dimensão de um trabalho-festa, as participantes alternavam o próprio trabalho com momentos de canto. Como

descreve Brandão (2007) em relação a pequenos mutirões de mulheres fiandeiras no interior de Goiás, onde se reuniam em um mesmo “terreiro” de uma casa rural, repartidas entre as diversas atividades do ofício - descarçar, cardar, fiar, tingir e tecer – elas cantavam. Cantavam ora em solo, geralmente, uma das mais velhas. Cantavam também em duplas e também em grupos maiores.

Uma forma curiosa e hoje bastante rara de ajuda mútua e de trabalho vivido como festejo ocorria com frequência em Goiás e em algumas áreas rurais de Minas Gerais. [...] Quando parentes e vizinhos tomavam conhecimento de que um sitiante das redondezas necessitava da ajuda de outros braços além dos de sua família para realizar um trabalho, em geral, atrasado (a limpa de um pasto, o preparo de um terreno para o plantio), era costume que, em segredo, saíssem convidando outros parceiros de trabalho da comunidade para um mutirão. A diferença entre esta modalidade de ajuda mútua e as outras experiências de mutirão, bastante mais frequentes, é que o próprio “dono do serviço” não toma a iniciativa de convocar parceiros, parentes e/ou vizinhos. Ele recebe em sua casa, em um clima de surpresa e festa, os trabalhadores do mutirão. E mesmo que porventura ele saiba o que vai acontecer, ele deve representar o papel de quem de nada sabe. E o mutirão começa com uma traição, com uma “treição”. E este momento da chegada é um alegre e festivo rito de surpresa e de acolhida. (Brandão, 2007, p. 48 - 49).

Apesar de não mais ocorrerem traições e mutirões, mulheres principalmente dos municípios de Itapuranga e Guaraíta, aproveitam a oportunidade do Domingo Cultural, evento que ocorre todo último domingo do mês de maio, para reviver essa cultura.

Pode-se dizer que o Domingo Cultural é um mutirão da saudade, em que as mulheres revezam-se nas atividades, querendo descarçar, cardar, fiar, tecer um pouquinho, no intuito de reviver o passado desse trabalho-ritual. “Pois ele traz a uma situação vivida no cotidiano, como um trabalho feminino solidário ou realizado em pequenas equipes, quase sempre familiares (uma mãe fiandeira e suas filhas), a dimensão de um trabalho-festa”. (Brandão, 2007, p. 48).

Por esta razão, buscamos retratar as histórias de vida das fiandeiras e tecedeiras que fizeram e continuam fazendo parte dessa identidade goiana, permitindo a manutenção de muitos valores rurais.

O principal objetivo deste livro é contribuir para o registro, tanto do saber-fazer enraizado na região do Xixá, quanto das histórias de vida dessas mulheres. Para isso, desenvolvemos um processo de identificação, mapeamento e catalogação, contemplando este saber-fazer como um patrimônio cultural de Itapuranga, com vistas à sua valorização. Além disso, também é nosso objetivo dar ênfase às memórias e narrativas desse grupo, evidenciando seu papel como sujeitos produtores da história e da identidade do Xixá.

Um pouco sobre o Xixá



Fonte: IBGE (2016).

Situado no Centro Goiano, o município de Itapuranga compreende a região onde teve início o antigo povoado Xixá. “Inicialmente, era um vilarejo denominado Xixá, pois a primeira missa, nas primeiras décadas do século XX, fora realizada embaixo de um xixazeiro” (IBGE, 2016).

Segundo dados do Livro do Tombo da igreja católica de Itapuranga, datado de 1962, diversas famílias da zona rural que já habitavam a região, distrito de Ouro fino, ligado a diocese de Goiás, se juntaram e solicitaram a igreja católica no ano de 1911 a autorização de uma festividade religiosa, a folia de São Sebastião, com o intuito de arrecadar fundos para a formação do povoado do Xixá.

Adquiridos os recursos, a construção da primeira capela teve início no ano de 1912, de acordo com Lemos (1990, p. 01): “[...] nos idos de 1935 a 1937, já contava com mais de 20 casas rústicas, uma escola e a Capela de São Sebastião”. A maioria dos migrantes que formaram o povoado era oriunda, sobretudo, de Minas Gerais, e vieram por projetos políticos que visavam a ocupação de áreas vazias no Centro – Oeste brasileiro, como a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) (Silva, 2007).

Com o crescimento populacional tornou-se distrito e posteriormente em 6 de janeiro de 1953, foi emancipado e desmembrado de Goiás, passando a se chamar Itapuranga. Na língua Tupi, Itapuranga significa “pedra vermelha” ou “lugar de pedras bonitas” (IBGE, 2016).

Guaraíta, por sua vez, foi um distrito criado em 1979, pertencente ao município de Itapuranga até 1992, quando foi elevado à categoria de município e desmembrado de Itapuranga (IBGE, 2016). Portanto, dada as relações que se estabelecem desde o início da formação do distrito, e uma vez que a população compartilha dos mesmos códigos culturais, consideramos também Guaraíta como parte integrante do nosso recorte, a região do “Xixá”.

A formação da região foi marcada por luta e resistência de migrantes contra os latifundiários (grileiros) pela posse das terras, como descreve Silva e Oliveira (2012, p. 347):

Itapuranga é um município formado por agricultores familiares, dando a nós uma nítida sensação de que os conflitos não existem. Ledo engano para aqueles que se atentam a tudo, pois as contradições estão dispostas nos vários movimentos de luta existentes, desde a luta contra a exploração do patrão quanto da divisão da meia e da terça (meeiros e terceiros são formas de negociação de uso da terra nas áreas rurais); passando pelos embates por saúde pública, em defesa da vida e do meio ambiente. Aqui mais uma vez podemos dizer que, a luta social não acontecia somente no sindicato, partido ou na igreja da libertação, mas se reatualizava em outros espaços de colaboração como nos mutirões e traições e, em nestes muitos momentos se faziam análises da vida cotidiana, demonstrando que a vida política não se encerra e, nem se inicia com a organização sindical ou partidária, mas se torna presente nos encontros e desencontros na vida cotidiana, em especial no trabalho de fiar, tecer e produzir as roupas para seus familiares e amigos e nos embates que esta arte as leva ainda negociar dentro das casas o direito de ir e vir a um mutirão, de tecer até muito tarde da noite, de produzir e vender ou dar de presente a peça que fizeram.

Assim, a organização política, religiosa e sindicalista dos camponeses para a estruturação da vida em comunidade passou pela colaboração das mulheres em todas as dimensões da reprodução da vida. A prática dos mutirões e traições marcou substancialmente as primeiras décadas da ocupação da região, consolidando um modo de vida muito particular, que ainda permanece na memória coletiva.

Na formação do Xixá, as mulheres que vieram de Minas Gerais, trouxeram consigo os utensílios e a arte para desenvolver a fiação e a tecelagem. A maioria das fiandeiras e tecedeiras residia na zona rural e o ofício, sobretudo da tecelagem, era utilizado para obtenção de parte da renda familiar, além de produzir cobertas, lençóis, toalhas, calças, camisas, para uso familiar.

No contexto brasileiro, segundo Chataignier (2010 *apud* Soares Junior e Batista, 2020), essa atividade extra fez com que as mulheres camponesas contribuíssem para a manutenção de seus lares e ajudassem na geração de riquezas para a região que residiam.

Metodologia

Esse livro é um inventário participativo, em parte, resultado da pesquisa de mestrado realizada pelas autoras no Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG). Além disso, resulta da pesquisa intitulada *"O fiar e o tecer: narrativas e memórias de mulheres do Xixá e a construção de um mapeamento do patrimônio cultural local"* (PIBIC/CNPq), a qual integra o projeto da Universidade Estadual de Goiás *"Cartografia participativa e colaborativa do patrimônio cultural: por uma reflexão geográfica da patrimonialidade"*. Nesse projeto, propõe-se a construção de um processo de identificação, mapeamento e catalogação das referências culturais do município de Itapuranga (Goiás), por meio de uma cartografia participativa e colaborativa e com base no Manual de Aplicação de Inventários Participativos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2016). Este último é um instrumento de acesso livre, cuja proposta é partir de uma linguagem que se comunica com os indivíduos, contudo, sem formalizar o reconhecimento por parte das instituições oficiais de preservação.

Como etapas metodológicas, realizamos a revisão bibliográfica pertinente ao saber da fiação e da tecelagem artesanal no Brasil e em Goiás, com a contribuição de autores como: Oliveira (2019), Santos (2018), Soares Junior e Batista (2020), Garcia (1981), Mirandola (1993), Silva e Oliveira (2012), entre outros.

A segunda etapa da pesquisa consistiu na identificação das mulheres fiandeiras e tecedeiras do município, ainda atuantes ou não. O principal procedimento adotado para essa identificação foi a metodologia *Snowball* ("Bola de Neve"), uma técnica de amostragem de pesquisas sociais que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede, na qual os participantes iniciais (que podem ser agentes culturais ou qualquer pessoa que tenha conhecimento prévio sobre o grupo) indicam novos participantes e assim sucessivamente. O objetivo é atingir o "ponto de saturação", "quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes a pesquisa" (Baldin e Munhoz, 2011, p. 332).

Outra etapa para a coleta de dados foram as entrevistas, mediante o uso de técnicas da História Oral, cujo objetivo foi retratar e registrar as narrativas de histórias de vida e memórias individuais e coletivas acerca do saber-fazer. Assim, o levantamento destes saberes foi realizado através da oralidade (gravação em áudio do relato de vida), evidenciando todo o processo e instrumentos utilizados que compõe esse patrimônio cultural de Itapuranga.

A proposta da história oral, na qual as fiandeiras e tecedeiras relataram suas histórias de vida, como aprenderam e desenvolveram o saber, foi

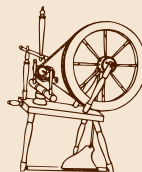
significativa, pois este método contribuiu para um registro documental desse saber-fazer local, o qual pode gerar visibilidade e práticas de preservação enquanto patrimônio cultural. Para executar essa gravação, as participantes foram orientadas quanto aos objetivos da pesquisa. A amostra incluiu mulheres de todas as faixas etária que exercem ou exerceram os ofícios de fiação e tecelagem artesanal, residentes nos municípios de Itapuranga (GO) e Guaraíta (GO). Foram realizadas, ao todo, 58 entrevistas, sendo 45 de Itapuranga (31 na área urbana e 14 na área rural) e 13 de Guaraíta (10 na área urbana e 3 na área rural), entre os anos de 2021 e 2024.

Além do registro oral, foi realizado o registro fotográfico, tanto das participantes da pesquisa, quanto de amostras dos trabalhos realizados por elas no tear, ou feitos a partir das linhas que fiaram na roda, ou os bordados que complementaram a criação, a fim de demonstrar a riqueza e a diversidade dos ofícios de fiação e tecelagem artesanal.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás (CEP/UEG) e as participantes consentiram, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).



Etapas do processo de fiação



Plantação do algodoeiro

Cultivados nas roças ou nos quintais das casas, para fornecer a fibra destinada a ser transformada em fio e posteriormente em tecido.



Colheita do algodão

Nessa etapa já foi realizada a colheita do algodão e colocado em balaio.



Descaroçar

O descaroçador é um instrumento utilizado para retirar a fibra da semente, no qual o trabalho é realizado por duas pessoas.

Arco

Usado para bater o algodão, depois de descaroçado, para tornar a fibra mais fofo e facilitar a extração das impurezas ou ciscos nas fibras.



Cardas e pastas

Passa-se o algodão descaroçado ou batido sobre a superfície denteada das cardas, em movimento paralelos. Depois de alguns movimentos, forma-se a pasta.

Fuso e Roda de Fiar

Etapa de produção dos fios a partir das pastas por meios destes dois instrumentos.



Enovelar

O fiado enovelado não requer o uso de instrumento, a realização do trabalho é simples, porém, não dispensa a habilidade da artesã.

Dobradeira

Amarra-se o fio em um dos tornos e contornam-se com ele os três tornos restantes, movimentando-se a cruzeta em sentido anti-horário, enrolando todo o fiado e mantendo-o esticado. O movimento das mãos dobra as voltas de fios sobre si mesma.

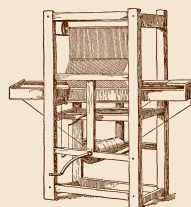


Meada

Forma-se a meada, a qual é pesada e faz-se o cálculo para saber a quantidade que será gasta para determinada metragem de tecido.



Etapas do processo de tecelagem artesanal



Canelar

Acionar com a mão a munheca, no sentido horário, pondo em movimento o rodeiro e o bico através da corda. A canelinha, fixada no bico, recebe enrolada nela a ponta do fio a canelar.



Urdir

É necessário o casal de casinhas onde são postos os novelos e a espada, objeto de madeira que contém furos onde são colocados os fios dos novelos para serem conduzidos na urdideira. Requer habilidade para que os fios não se embarquem durante o urdimento.



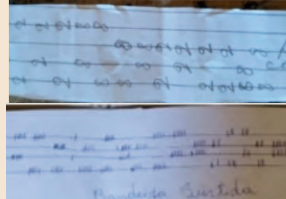
Tear

É o principal instrumento da tecelagem artesanal. De grande dimensão, sua estrutura é toda de madeira, composta por vários instrumentos (adendos).



Repasso

Antigamente, a maneira de se fazer cada padronagem era repassada oralmente. Atualmente, existem gráficos de orientação. O "código do repasso" fica registrado em pequenos pedaços de papel, indicando a receita para as duas ações – urdir e tramar.



Adendos do Tear

São instrumentos variados que compõem os teares, tais como: Lançadeira e Canelinha; Tempereiro de garra; Folha de Liço; Resteiro de madeira. Permitem que os tecidos se diferenciem de acordo como o fio é puxado ou inserido na trama.



Folha de Liço

Resteiro de Madeira

Tecido

O tecido é o produto final resultante do processo da tecelagem artesanal. Com eles são confeccionadas roupas de uso pessoal, banho, cama, além da confecção de coxonilho (uma manta usada sobre o arreio para dar maior conforto ao cavaleiro).



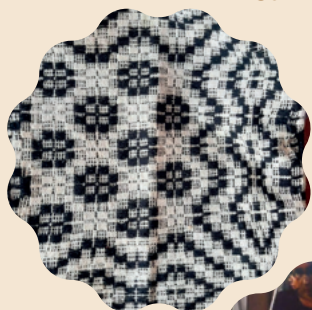


FIANDEIRA E TECEDORA

Carmelinda



Carmelinda Moreira Alves - 16/07/1952



"Minhas outras irmãs eram mais miudinhas, eu que era mais forte e minha mãe falava que as mais miúdas eram mais fracas pra tecer e era perigoso adoecer. [...] era vantagem pra mim, porque eu tecia e ganhava dinheiro, pegava serviço".

Natural de Itapuranga. Participou dos antigos mutirões das fiandeiras, dos Domingos Culturais e também do Arranjo Produtivo Local (APL) Teares do Xixá. Atualmente, continua desenvolvendo o ofício da tecelagem com a utilização de fios comprados no comércio, devido à falta da matéria prima (algodão). As peças mais produzidas por ela são tapetes. Ela guarda vários repassos tradicionais anotados e alguns tecidos de amostra.





FIANDEIRA



Augusta

Maria Pereira dos Santos - 24/06/1958



" [...] o negócio mais importante seria realmente o natural, aquilo que a gente faz, colhe, faz ali a coberta, e é um negócio bem mais sadio para o ser humano".

Natural de Itapuranga. Aprendeu a descaroçar o algodão com oito anos. Aos 11 anos de idade já cardava e fiava através dos ensinamentos da sua mãe, que fiava e tecia. Com a técnica da fiação, fez o enxoval e se casou aos dezesseis anos. Participou dos antigos mutirões, de traições e dos Domingos Culturais. Conhecida como "Augusta" por moradores de Itapuranga, foi primeira mulher a se tornar presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga, com importante atuação ao longo dos anos em prol da agricultura familiar no município.





FIANDEIRA

Iracédia



Iracédia Candida de Siqueira - 18/06/1952



"Veio a juventude e se dar em casamento. O nosso enxoval era de algodão. Colhia, escaroçava, batia, cardava e fiava, tecia e fazia coberta, lençol, toalha, calça, e até camisa".

Natural de Catalão, veio para Itapuranga com um mês de nascimento. Aprendeu a técnica de fiação com sua mãe e na sua juventude fez seu próprio enxoval para o casamento. Relata que colhia o algodão, descaroçava, batia, cardava e fiava. Pagava uma tecelã pra tecer as cobertas, lençóis, toalhas, calças e camisas. Participou dos mutirões e do Domingo Cultural. No entanto, atualmente não desenvolve mais esse ofício, a não ser quando tem mutirões.





FIANDEIRA Neusa



Neusa Alice Pinto da Silva - 15/06/1951



*" [...] Antigamente era [...] muito barato as coisas de algodão.
Hoje pode ter mais valor, porque o povo nem conhece, mas
antigamente não tinha valor em nada não".*

Natural de Itapuranga. Aprendeu com sua mãe o processo de descarregar, cardar, fiar e também fazer as meadas pra tingir. Fez seu enxoval, e esse ofício pelo qual obteve renda para o sustento de sua família. Participou dos mutirões, traições e dos Domingos Culturais. Atualmente, não desenvolve mais esse ofício, porém, quando tem mutirões ou o Domingo Cultural, participa no processo de fiação e também faz a segunda voz nas músicas que são cantadas pelo grupo de fiandeiras.





FIANDEIRA



Alvina

Alvina da Silva Pinto - 16/05/1938



"Eu fiquei com vontade demais de aprender a costurar [...]. Mas meu pai não achava que aquilo estava certo, sair para aprender as coisas, pra ele tinha que ficar em casa. E nunca tive opção de aprender outra coisa e aí era aquilo que tinha em casa que a gente tinha que fazer".

Natural de Itapuranga. Aprendeu a técnica da tecelagem com sua irmã. Participou dos mutirões e traições. Relata que quando estava grávida de uma das suas filhas, as mulheres organizaram para ela uma traição, o que lhe rendeu um grande susto. Os encontros eram marcados por cantorias ao longo da fiação. No fim da tarde era a festividade. Sua vida foi marcada por idas e vindas da realização dos trabalhos de fiação e da tecelagem. Atualmente não desenvolve mais esse ofício.





FIANDEIRA



Divina

Divina Pereira da Silva Pires - 06/01/1959



"A minha mãe nos mandava cardar até meia noite. [...] No outro dia pegava cedo pra fiar o dia inteiro. Ai na hora que o algodão acabava, descaroçar e cardar e fiar de novo. Porque naquela época não existia esse negócio de comprar o enxoval, era produzido na roda".

Natural de Itapuranga. Aprendeu essa técnica com a mãe para fazer o enxoval para o casamento. Participou dos mutirões e também das traições, tempos dos quais ainda guarda muitas produções em sua casa. No entanto, no momento, não está desenvolvendo esse ofício, mas ainda preserva uma memória afetiva dessa época em que fiava.





FIANDEIRA



Albertina

Albertina Genoveva da Silva - 04/09/1944



Foto: APL Teares do Xixá
Cartaz de divulgação:
"Fiandeiras em ação:
mostra de fotos e vídeos"



"Das linhas que eu fiava, fiz inúmeras cobertas".

Natural de Abaeté (MG). Com a separação de seus pais, seu pai veio para Goiás e se casou novamente. Aprendeu o ofício da fiação com a madrasta. Das linhas que fiava, bordou tapetes no ponto cruz, fez crochê e tricô (sapatinhos de tricô foi sua especialidade). Casou-se com 15 anos de idade, tendo sete filhos, quinze netos, oito bisnetos e uma tataraneta. Ficou viúva há vinte e quatro anos. Trabalhou como salgadeira, lavadeira e cozinheira. Atualmente se encontra aposentada e vive sob os cuidados dos filhos. Participou por vários anos do Domingo Cultural e também do APL Teares do Xixá, por meio do qual viajava para outros locais para expor o saber-fazer. Fiava, cardava algodão e batia algodão para retirar os caroços.



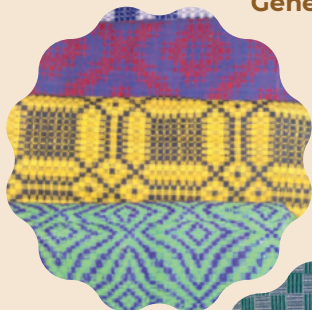


FIANDEIRA E TECEDORA



Generosa

Generosa Ferraz da Silva - 07/09/1961



" [...] Lá em casa foi diferente, como eu sou a mais velha, eu aprendi e minhas irmãs não, elas foram estudar. Elas tiveram oportunidade e eu não. O pouquinho que estudei, foi com muita dificuldade".

Natural de Itapuranga. Aprendeu esse ofício com a avó e com a mãe. Relata que as técnicas eram passadas de geração em geração, devido à falta de oportunidades no mercado de trabalho para as mulheres da época. No entanto, foi a única entre suas irmãs que aprendeu o processo da fiação e da tecelagem, as outras não se interessaram e tiveram oportunidades de estudar. Preparou o seu enxoval para o casamento, participou de mutirões e trações. Foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga, com importante atuação ao longo dos anos em prol da agricultura familiar no município. Atualmente continua desenvolvendo o ofício da tecelagem, porém, utiliza fios comprados no comércio para fazer tapetes.





FIANDEIRA



Luzia

Luzia Ferraz de Souza - 17/05/1955



"O povo mais novo quer trem mais moderno, se der um pano de algodão pro jovem vestir, não veste de jeito nenhum. De primeiro não, era calça de algodão, lençol, enxoval, etc".

Natural de Itapuranga. Aprendeu o processo da fiação com a mãe. Devido seu pai ter falecido, dedicou aos serviços braçais nas lavouras juntamente com sua irmã para ajudar a cuidar dos irmãos. A fiação possibilitou fabricar roupas para vestir a família e também foi uma fonte de renda. Participou dos mutirões, trações, também já promoveu encontro do APL Teares do Xixá na casa onde reside com sua irmã, quando sua mãe era viva. Atualmente não desenvolve mais o ofício.





FIANDEIRA E TECEDORA



Lásara

Lásara Machado de Souza - 12/09/1962



" Fizemos dois encontros do APL aqui em casa, [...] foi bom, tinha as pessoas que já conhecia e sabia do processo da fiação e da tecelagem e tinha outros que vieram pela primeira vez aprender, veio um ônibus de estudantes".

Natural de Itapuranga. Aprendeu o processo da fiação com a mãe, posteriormente aprendeu a tecer com a vizinha. Com a morte do pai, se dedicou aos serviços braçais nas lavouras, juntamente com sua irmã para ajudar a cuidar dos irmãos. Tanto o ofício da fiação quanto da tecelagem foi importante para vestir a família e também foi uma fonte de renda. Atualmente não desenvolve o ofício, porém, já participou dos mutirões, trações, também já promoveu encontro do APL Teares do Xixá na casa onde reside com sua irmã, quando sua mãe era viva. Os utensílios ainda permanecem nos cômodos da casa.



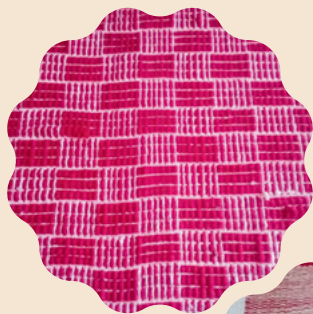


TECEDEIRA



Darsone

Darsone de Fátima - 16/06/1963



"No início não foi fácil aprender, mas agora gosto do que faço [...]"

Natural de Itapuranga. Perdeu a mãe com um ano e dez dias, foi morar e receber os cuidados da avó materna, dona Dorvina. Com 21 anos de idade se casou e teve dois filhos, morou no Carmo do Rio Verde, separou-se do marido e retornou a Itapuranga. Começou a trabalhar no Goianinho como auxiliar de limpeza, e lá trabalhou por 21 anos. Então, resolveu aprender o ofício da tecelagem, porque precisava cuidar da avó. Aprendeu com ela a fazer tapetes e cobertas, e vem desenvolvendo o trabalho há 9 anos.



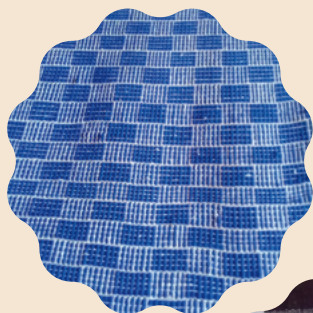


FIANDEIRA E TECEDORA



Dorvina

Dorvina Maria da Silva - 15/10/1927



"[...] É um costume da família".

Nasceu no Estado de Minas Gerais, casou-se com quinze anos e teve dois filhos. Veio para Goiás com 24 anos de idade. Morou em Diolândia por cinco anos, depois mudou para Itapuranga, onde reside até hoje. Aprendeu o ofício da fiação e da tecelagem com a avó, desde os seus 13 anos de idade. Com o algodão sabe fazer de tudo: colher, descaroçar, cardar, fiar; e no tear aprendeu a fazer tapetes, cobertas bordadas, corte de calça, etc.



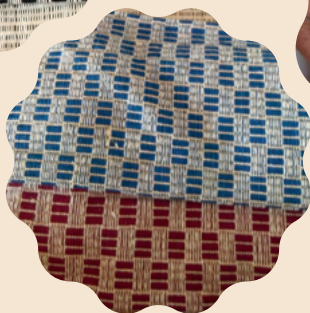


FIANDEIRA E TECEDORA



Ana

Ana Oliveira de Faria - 10/06/1954



"[...] tudo que eu faço não sobra, então é um ganho a mais".

Natural de Itapuranga. Aprendeu o ofício com a avó, com a mãe e com as tias maternas e paternas, era uma tradição passada de geração em geração. Aos 13 anos de idade já tecia. Com 19 anos apresentou seu trabalho no Colégio, desde então, não parou. Participa do Domingo Cultural, realizado uma vez ao Ano. Visitou outras cidades, em excursões promovidas pelo APL Teares do Xixá, nas quais as fiandeiras e tecedeiras apresentavam seus trabalhos. Atualmente continua desenvolvendo esse ofício, produzindo tapetes e tecidos para corte de roupa.





FIANDEIRA E TECEDORA



Luzia

Luzia Rosa Araújo - 10/08/1938



"Minha vida foi trabalhar na roça, para sustentar meus nove filhos, nas horas vagas tecia no tear, fiava algodão e também trabalhava de doméstica".

Natural de Urutaí (GO). Aprendeu o ofício da tecelagem e da fiação com a mãe, com 15 anos de idade já tecia. A tecelagem foi uma das principais fontes de renda para sustentar os filhos. Trabalhava de doméstica e nas horas vagas tecia e fiava o algodão. Atualmente continua desenvolvendo o ofício, produzindo tapetes no tear, utilizando fios de barbante comprados no comércio local.





TECEDEIRA



Luordes

Luordes Lemes dos Santos - 23/06/1968



"[...] rende mais o serviço, eu faço tapete, pra fazer no tear é mais fácil do que na agulha de crochê, crochê não rende".

Nascida em Caiçara, distrito de Faina (GO). Aprendeu essa técnica a poucos anos com a vizinha, para produzir tapetes simples. Assim que conclui o tapete no tear, passa bico de crochê para vender. Os tapetes feitos no tear são mais vendidos do que os feitos integralmente de crochê, por demandarem menos tempo de produção e terem um menor custo, por isso teve interesse de aprender.





FIANDEIRA



Divina

Divina Leonardo de Araújo - 05/03/1933



"Foi acabando esse negócio de tecer e fiar pra fazer roupas de cama ou pra vestir... foi apagando, apagando, apagando... e as pessoas mais velhas foram morrendo. [...] O povo de hoje tem muita sabedoria, mas o mais necessário eles não tem, as coisas antigas".

Natural de Pontalina (GO). Aprendeu o ofício da fiação com a tia. Aprendeu a tecer, mas não continuou, gostou mesmo é de fiar. Participou de vários mutirões, fiando e cantando. Hoje, no entanto, não lembra das músicas, mas faz referência às modas antigas daquela época. Relata que muitos dos seus utensílios foram emprestados e não foram devolvidos. Participou de várias edições do Domingo Cultural, inclusive, dias depois da entrevista, lá estava ela na roda das fiandeiras, apresentando essa referência da cultura local.

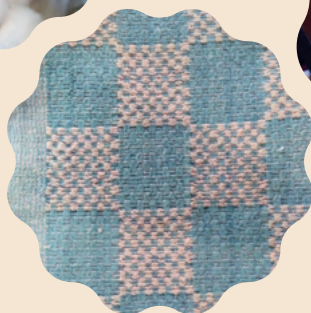




FIANDEIRA Aparecida



Aparecida Magalhães Camara - 16/12/1955



"A gente lembra do tempo, do povo fiando e cantando"

Nascida em Caiçara, distrito de Faina (GO). Quando criança já ajudava no preparo do algodão, trabalho ensinado pela mãe. Atualmente continua desenvolvendo o ofício. Depois que se aposentou participou de duas edições do Domingo Cultural. Para ela, a experiência foi ótima. Infelizmente, com a pandemia do Coronavírus e devido a cirurgia que fez no olho recentemente, não participa desde 2020, mas deseja muito voltar a participar nos próximos anos.





FIANDEIRA



Divina

Divina Teodoro Valeriano Camargo - 24/08/1953



"É um entretenimento e é a nossa cultura, que a gente nasceu e criou, não pode acabar".

Nascida em Caiçara, distrito de Faina (GO). Aprendeu a fiar na roda com a mãe e no fuso com a avó materna. *"Aprendi com 13 anos, quando minha mãe faleceu eu e minhas irmãs fomos morar com nossa avó, lá eu aprendi fiar no fuso. Participei de muitos mutirões, as mulheres se uniam, cantavam, tinha almoço, merenda. Hoje não tem mais os mutirões, mas no evento do Domingo Cultural eu participo. É uma forma de reunir com outras mulheres e apresentar a importância do fiar e do tecer".*





TECEDEIRA Joelita



Joelita Alexandre Ribeiro - 09/09/1964



"[...] está acabando, precisa mostrar para nova geração como era feito o tecido antigamente. O tear também permite que você aproveita muita coisa: uma sobra de linha, retalho ... acredito que seja importante".

Natural de Anápolis, reside na cidade de Itapuranga desde 1978. Aprendeu o ofício há dez anos, quando visitou uma amiga tecedeira e se encantou pela tecelagem artesanal. A amiga disse que se ela comprasse o tear iria ensiná-la. Então, comprou o tear, aprendeu o processo da tecelagem e atualmente produz tapetes. Relata também a vontade de aprender os repasso para produzir tecidos com várias estampas.





FIANDEIRA E TECEDORA



Emília

Emília Fonseca do Nascimento - 13/05/1935



*"Eu sou muito custosa, sai de casa e fui até onde tinha tear.
Morei muito tempo com minha irmã, ajudava olhar os meninos e
enquanto isso, ela me ensinava".*

Natural de Anápolis, veio para a região de Itapuranga quando era criança. Aprendeu a técnica da fiação e da tecelagem com a irmã. Participou dos mutirões e também de muitas edições do Domingo Cultural. Ensinou muitas mulheres que tinham interesse em aprender o processo da tecelagem.





FIANDEIRA E TECEDORA



Divina

Divina Camilo do Nascimento Alves - 28/02/1961



"O povo deixou de plantar o algodão, a gente quase não vê mais o algodão, as vezes a gente procura até a folha pra remédio e não encontra".

Natural de Itapuranga. Desde criança foi criada na roça com sua família. Lá colhia o algodão, catava, descaroçava, cardava, fiava e colocava no tear para tecer. Sua mãe a ensinava desde os 7 anos de idade. Iniciou na prática da fiação e depois aprendeu a tecer no tear.





FIANDEIRA E TECEDORA



Domingas

Domingas Dias de Oliveira - 27/04/1953



"Tenho boas recordações com esse trabalho ... é uma terapia, uma diversão e também ajuda nas vestes da casa".

Natural do município de Goiás. Aprendeu com a mãe a fiar. No início tocava a roda para frente, às vezes pra trás, ficou com medo de não conseguir, porque sua mãe fazia muito bem-feito. Mas sua mãe teve paciência e a incentivou até conseguir aprender, quando passou a fiar de 4 a 5 rodadas (carretel). Trabalhou muitos anos com fiação para as vizinhas tecerem. Quando ainda era solteira, teve a oportunidade de aprender com a vizinha a tecer repassos mais simples: cobertas de tecido de quadro, de listra, alguns repassos de flor e rosinha. Participou de muitos mutirões e, quando mudou pra Itapuranga, participou do Projeto Conviver e também do Domingo Cultural. Atualmente não desenvolve mais os ofícios.





FIANDEIRA

Delcina



Delcina Bernardes de Oliveira Costa - 08/12/1956



"Naquele tempo tinha muito algodão, todo mundo plantava. [...] hoje o povo não está dando mais valor no algodão, nas coisas feitas de algodão, por isso, ninguém planta".

Natural de Itapuranga. Aprendeu o ofício da fiação com a mãe, aos 13 anos de idade já desenvolvia a técnica, participou dos mutirões que eram organizados para transformar o algodão em fio. Nesse processo, as mulheres cantavam o dia todo enquanto realizavam o trabalho. Atualmente não desenvolve mais o ofício devido à falta de matéria prima, o algodão.



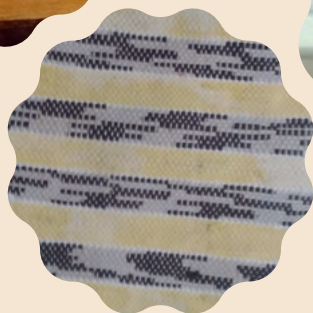


TECEDEIRA



Sebastiana

Sebastiana Florambel Rodrigues - 30/11/1965



"Um trabalho que é uma arte, você tem que urdir, repassar, ficar o tempo todo lá tecendo. Não é um trabalho fácil. [...] A evolução do tempo levou a isso, quanto mais você estuda, quanto mais você se prepara para vida, mais essas culturas vão se distanciar".

Natural de Itapuranga. Aprendeu o ofício da tecelagem com a mãe aos 30 anos de idade, depois que a mãe teve um problema de saúde e ela assumiu o trabalho do tear nas horas vagas. Desde então, herdou os utensílios da mãe e atualmente continua produzindo tapetes nas horas vagas. Participou dos mutirões quando era criança, acompanhando seus pais. Também participou na organização dos Domingos Culturais como funcionária pública.





FIANDEIRA Vitória



Vitória Silvano da Costa - 03/05/1948



"Tudo que a gente aprende é importante, mesmo que as vezes não usa, mas se um dia precisar, vale."

Natural de Barbacena (MG), mudou-se para Itapuranga com 3 anos de idade. Ajudava o seu pai na roça, junto com sua irmã. Aprendeu a fiar com a irmã, escondido de sua mãe, que era muito zelosa com sua roda e não as permitia fiar. Participou de vários mutirões, prática muito comum na roça. Certa vez sua mãe foi surpreendida por uma "treição". Durante o dia fiavam, e durante a noite dançavam no Baile. Quando se casou, foi a mãe que fez o seu enxoval. Quando suas filhas foram se casar, dona Vitória que fiou e pagou uma tecelã para fazer os enxovais. Atualmente, pratica o ofício da fiação somente no Domingo Cultural.





FIANDEIRA



Aparecida

Aparecida Brás de Godoi Ordones - 12/05/1961



"Pessoal desfer dos objetos tudo. Alguns tem algumas coisas, mas, é relíquia, enfeite ou lembranças. [...] O povo está deixando tudo pra trás, que é artesanato, está querendo só facilidade".

Natural de Itapuranga. Aprendeu a fiar aos 6 anos de idade, com a mãe. "A gente plantava e colhia o algodão, depois preparava para transformar em fio. Nós somos 6 irmãs, todas aprenderam a fiar. Quando o pai faleceu, a irmã mais velha tinha 18 anos. A mãe com 44 anos, ficou com onze filhos para criar. Ela nos ensinou a trabalhar para sobreviver. Na roça plantava de tudo: mandioca (fazia polvilho), arroz, feijão, milho, amendoim e cana (fazia rapadura). A gente fiava, vendia a linha. Fiava pros outros, pra ganhar dinheiro". Atualmente só desenvolve o ofício no Domingo Cultural.





FIANDEIRA

Judite



Judite Luísa da Silva - 16/01/1960



"A união de primeiro era melhor do que hoje. Hoje quase não está tendo união, é cada um pra si e o que tiver mais quer tirar do outro".

Natural de Morro Agudo (GO), veio pra Itapuranga com 20 anos de idade. Aprendeu a fiar com a mãe, aos 13 anos de idade. Participou de vários mutirões. Relata que no lanche fazia arroz doce e ao entardecer todos iam embora tomar banho e depois voltavam para o baile para dançar a noite toda, a luz de lamparina, pois nessa época não havia energia elétrica. Ao amanhecer, era uma tristeza por causa da ressaca. Atualmente, só desenvolve o ofício no Domingo Cultural. Inclusive, foi neste evento que dona Judite compartilhou conosco alguns trechos das cantorias que fazia quando fiava.



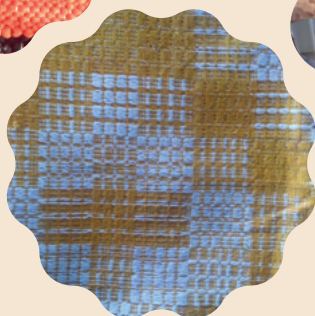


FIANDEIRA



Irondes

Irondes Alves dos Reis - 05/02/1952



"Minha mãe guardava a roda dela numa casinha, trancava a porta e deixava a janela aberta. Então eu pegava o algodão e pulava a janela e ia fiar, até no escuro. Todos os dias eu fazia isso; 'Mãe, que horas vai parar de fiar?' Pra mim pular a janela e fiar. Foi assim que aprendi".

Natural do município de Itapuranga. Aprendeu a fiar escondido aos 10 anos de idade, a mãe não ensinava e nem queria que mexesse na roda, com receio de quebrar. [...] Participou de vários mutirões, lembra que tinha café da manhã, com uma variedade de bolos, almoço, doces e lanche. "Depois do trabalho da fiação, no fim da tarde, a gente ia embora pra tomar banho e voltava pra ter o pagode. A gente dançava até, no som da sanfona: "futi, futi ..." a luz de lamparina, pensa num trem bão, a poeira levantava... Acabava as 5 horas da manhã". Atualmente, só desenvolve o ofício no Domingo Cultural.



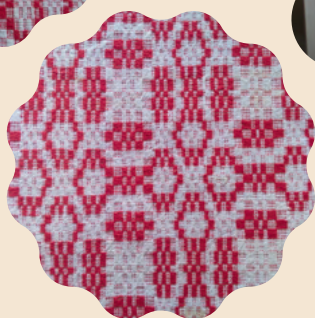
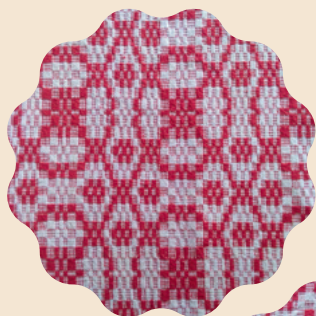


FIANDEIRA



Ivanda

Ivanda Maria de Jesus - 01/05/1943



"O povo chegava, sentava no banco, fiava e cantava igual cigarra".

Natural de Carmo do Paranaíba (MG), veio para a cidade de Itapuranga quando era criança. Aprendeu o processo da fiação com a mãe, aos 10 anos de idade. Participou de vários mutirões que eram organizados nas roças. Atualmente não desenvolve mais o ofício, mas já participou no Domingo Cultural.





FIANDEIRA



Margarida

Margarida Maria de Oliveira - 22/04/1932



"Aprendi com a minha mãe, né. Criou nós no bico da roda".

Nascida em Minas Gerais, veio para cidade de Damolândia e de lá se mudou pra Itapuranga com 16 anos de idade. Participou dos mutirões de fiação, das cantorias, a exemplo da cantiga *"a folha do coqueiro não balança mais"*. Gostava muito de participar dos mutirões. Relata que seu pai não as colocou na escola, e cada uma aprendeu o trabalho por si próprio. Quando se casou, fiou o algodão e pagou uma tecelã, cujo apelido era Viola, para fazer o tecido. Atualmente participa do Domingo Cultural, cardando algodão e fazendo outras etapas do processo da fiação. No dia a dia faz crochê e costura com agulha de mão retalhos para confeccionar as colchas de retalho.

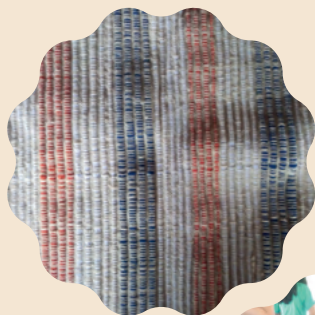




FIANDEIRA

Lázara

Lázara Lúcia dos Santos - 20/06/1962



"Eu que fiz meu enxoval, ... a gente tinha um fogo na roupa pra fazer enxoval todo de algodão: lençol, coberta, toalha, jogo de cozinha, etc".

Natural de Faina (GO). Aprendeu a descaroçar, cardar e fiar com a mãe, aos 5 anos de idade já descaroçava o algodão. Participou de vários mutirões: "[...] nas roças tinha todos os sábados, um na casa de uma pessoa, e no outro sábado na casa da outra, ia emendando. As mulheres faziam o mutirão da fiação e os homens faziam mutirão nas roças de plantação. A noite reuníamos e dançava até falar 'chega'". Atualmente, devido a problemas de saúde, não desenvolve a atividade diariamente, mas costuma fazer encomendas e ainda participa ativamente no Domingo Cultural.





FIANDEIRA



Maria

Maria de Lourdes Pessoa Ordones - 29/09/1955



" Parece que ninguém mais quer usar essas coisas feitas no tear, e outra que não está tendo tecedeira, nem mesmo algodão. Fica difícil de seguir em frente por causa disso".

Natural de Itapuranga. Aprendeu a fiar com a mãe. Participou de vários mutirões.

"[...] era uma relação saudável e divertida. Tinha uma amiga que a gente morava uma de lá do córrego e a outra de cá. Um dia eu ia pra lá, no outro dia ela vinha, pra me ajudar. Quando fui fazer o enxoval, minha mãe me ajudou a fiar e pagamos pra tecer".

Atualmente só desenvolve o ofício no Domingo Cultural.





FIANDEIRA

Iria



Iria Alves Pereira - 20/10/1941



"Fazia mutirão, vinham em uma casa, fazia, depois fazia em outra casa. Trocava dia. As mulheres se reuniam, cantavam músicas e trocavam versos uma com a outra".

Natural do município de Damolândia (GO), veio pra Itapuranga com 9 meses de idade. Aprendeu o ofício com a mãe, desde nova, no trabalho de descarçar, cardar e fiar. Acha o ofício da fiação muito importante e tem uma memória afetiva do trabalho que desenvolveu por boa parte da vida: "[...] tem 4 anos que meu marido morreu, ele plantava muita roça, meus meninos eram todos pequenos, eu levava almoço, lanche e janta na roça. Meus irmãos vinham ajudar... era a semana inteira assim... era um mutirão, trocava dia". Atualmente só desenvolve o ofício durante o Domingo Cultural.





FIANDEIRA



Sebastiana

Sebastiana Maria Pereira - 24/01/1945



"Foi minha mãe que me ensinou, com muita falta de paciência, mas ensinou. Eu tocava a roda e ela ia pra trás, em vez de ir pra frente. Ai meu pai falou pra minha mãe não me bater, senão eu não aprendia. Com muito custo consegui aprender".

Natural de Pontalina (GO), veio pra Itapuranga aos 13 anos de idade. Aprendeu a fiar com a mãe. Tinha muitos irmãos e, naquele tempo, precisavam produzir para a família camisas, calças, cobertas, etc, a partir do algodão. Depois que se casou continuou fiando para pagar uma tecelã, a fim de vestir a família. Ao longo dos anos do casamento, seu esposo parou de usar roupas de algodão. Aprendeu a costurar, fazendo roupas para a família e aceitando encomendas de clientes. Atualmente, só desenvolve o processo da fiação no Domingo Cultural. Na sua residência continua produzindo cobertas de retalho para os filhos e netos.





FIANDEIRA E TECEDORA



Dionizia

Dionizia Benta de Jesus Amaro - 09/05/1930



" Nós plantava o algodão, tinha a lavourinha. "

Natural de Bambuí (MG). Desde menina aprendeu a fiar e tecer com a mãe. Reside no município de Itapuranga há mais de 50 anos. Fazia vários tipos de tecido, cobertas de garrafão, de bico, entre outras. Guarda algumas até hoje. Tecia para si própria e também para outras pessoas, sob encomenda. Somente uma de suas filhas aprendeu a fiar e tecer. Atualmente, como detêm o saber-fazer, ajuda a filha Creusa a urdir e enrolar no tear, no entanto, não tece.



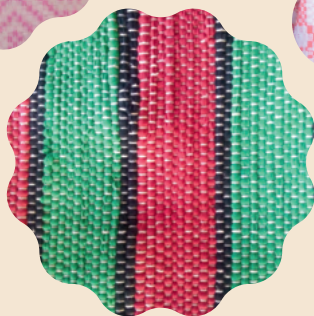


FIANDEIRA E TECEDORA



Creusa

Creusa Donisete Amaro - 28/12/1956



"Agora já entrou esses trens comprados, ninguém mais quer coisas feitas no tear".

Natural de Bambuí (MG). Aprendeu o processo da fiação e da tecelagem aos 11 anos de idade, com a mãe e com a tia. Participou de muitos mutirões. Atualmente continua desenvolvendo o ofício da tecelagem, faz tapetes por encomenda. Reside no município de Itapuranga há mais de 50 anos, mora com uma irmã e com sua mãe, dona Dionízia, na zona rural. Alguns dos utensílios da fiação encontram-se estragados, mas o tear continua em bom estado, sendo utilizado para confecção dos tapetes.



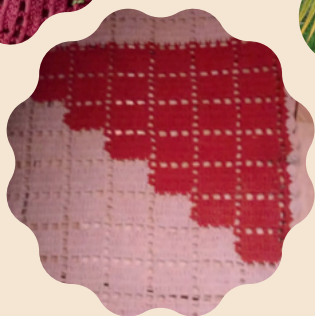
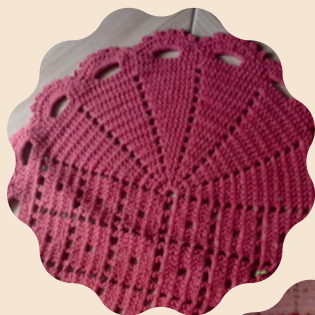


FIANDEIRA



Maria José

Maria José dos Santos Cavalcante - 26/06/1969



"A gente era pequena, então ficava pegando aquelas cardas, pelejando pra aprender. Se a gente não desse conta daquilo, punha pra fazer outra coisa".

(Jorcelina, irmã de Maria José)

Natural de Itapuranga. Aprendeu o processo da fiação com a mãe, aos 10 anos de idade. Atualmente não desenvolve mais o ofício, mas participa do Projeto Conviver, confeccionando bordados e crochê. Através da Língua de Sinais, transmite sua história e conhecimento, rompendo as barreiras da deficiência.



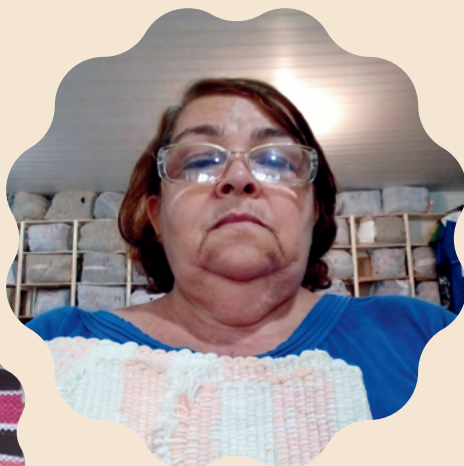


FIANDEIRA E TECEDORA



Dolmira

Dolmira Florambel Rodrigues - 04/04/1960



"Todo mundo mexia com algodão, minha mãe punha, fazia a gente fazer, né. Queria que todos aprendessem".

Natural do município de Goiás. Aprendeu o processo da fiação e da tecelagem aos 12 anos com a mãe, a qual a ajudou a confeccionar seu enxoval. Atualmente não desenvolve mais o ofício. Relata que no tempo em que vivemos, os produtos de algodão e da tecelagem foram substituídos por edredom, colchas, etc (comprados no mercado), o que desvaloriza o trabalho artesanal. O que ainda compensa produzir são tapetes.





FIANDEIRA E TECEDORA



Carmelita

Carmelita Ribeiro de Souza - 13/06/1954



*"Nos mutirões o que eu mais gostava era de fiar e cantar .
[...] no tear podemos fazer a reciclagem das tiras para fazer
tapetes".*

Natural de Itapuranga. Aprendeu o ofício com a mãe e com a irmã. Desde os 8 anos de idade participava dos mutirões e traíções. É uma das mulheres que entoavam cantigas no decorrer da fiação. Atualmente continua desenvolvendo a técnica da tecelagem, produzindo tapetes, tecido pra cortes de roupas e coxinilho. No período da colheita do algodão, ela colhe o que produz no quintal, descaroça, carda e fia. Na produção dos tapetes são utilizadas tiras de retalhos e barbantes comprados no comércio local, devido à falta da matéria prima, o algodão.





FIANDEIRA

Vilma



Vilma Coelho da Rocha - 01/02/1969



"Fiava para nós mesmo, depois pagava uma tecelã para fazer cobertas, tapete, roupas, inclusive camisas para meu pai".

Natural de Itapuranga, aprendeu o ofício da fiação aos 12 anos, com a mãe. A família mantém a tradição na região de Guaraíta, Relata que participou de vários mutirões organizados nas residências das fiandeiras, inclusive na própria casa que reside com sua mãe; dona Gercina. Participou dos eventos organizados pela prefeitura, na gestão do ex-prefeito Raimundo (por volta de 1996) e também no Conviver.





FIANDEIRA

Gercina



Gercina Coelho da Rocha - 01/10/1943



“Antigamente tinha muitas mulheres fiandeiras, juntavam até 30 fiandeiras nos mutirões. Hoje não faz mais nada!”

Natural de Itapuranga, aprendeu o processo da fiação com a mãe, assim como suas irmãs. Transformavam a fibra do algodão em fio e pagavam uma tecelã para confeccionar roupas, cobertas, toalha, lençóis, etc. Casou e teve três filhas, todas aprenderam a técnica da fiação. Mãe e filhas participaram de vários mutirões, eventos organizados pela prefeitura de Guaraíta na gestão do ex-prefeito Raimundo Martins de Azevedo, durante a qual foram realizados três eventos consecutivos. Dona Gercina também participou de inúmeros Domingos Culturais, realizados em Itapuranga. Além do saber-fazer da fiação, também faz azeite de mamona e sabão de fogo.





FIANDEIRA



Felisbina

Felisbina Ferreira Coelho - 26/08/1937



"Particpei de muitos mutirões, saía de trator com as rodas para fazer mutirão longe, juntavam muitas fiandeiras".

Natural de Itapuranga, aprendeu o processo da fiação com a mãe aos 11 anos, assim como suas cinco irmãs. Todas fiavam e pagavam uma tecelã para confeccionar o tecido para fazerem vestidos, camisas, calças, assim como roupas de cama, toalhas e cobertas. Casou e ensinou as filhas os saberes da fiação. Relata que atualmente não tem mais mutirões, somente eventos organizados algumas vezes em Guaraita, onde reside na zona rural. No seu quintal tem alguns algodoeiros: branco e canga. Durante o período da colheita ela desenvolve a transformação da fibra em fio.



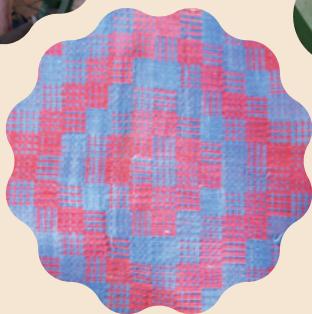


FIANDEIRA E TECEDORA

Raimunda



Raimunda Carvalho Cardoso - 06/11/1938



" Minha sogra também era tecedeira. Quando ela ficou doente ela falou assim: quando eu morrer você leva meu tear pra você. Eu teci calça, lençol, coberta [...] Depois o tear de tanto mudar pra aqui, mudar pra ali, não foi montado mais, até que acabou!

Nasceu no Estado de Minas Gerais, por volta dos cinco anos se mudou para o Estado de Goiás, morando em diversas regiões. Aprendeu o ofício da fiação e da tecelagem (tecido liso) com a mãe. Atualmente reside na cidade de Guaraitá, onde participou de eventos realizados na gestão do ex-prefeito Raimundo Azevedo e também do Conviver, fazendo outros tipos de artesanato.





FIANDEIRA



Paula

Paula Aparecida Mota - 27/11/1959



"Jámos todo mundo (eu, minha mãe e minha vó), sempre tinha roda nos mutirões que não tinha fiandeira. A gente pegava e fiava, porque lá em casa só tinha duas rodas, da mamãe e da minha vó, eu mesma, não tinha."

Natural de Tiros (MG), veio para o Estado de Goiás aos quatro anos de idade. Relata que chegou na região em um caminhão pau de arara. Aprendeu o ofício da fiação aos nove anos com a vó e a mãe, participou de vários mutirões, sendo uma das que cantavam. *"Eu não aprendi a tecer, eu só enchia a canelinha pra minha tia e ajudava a passar no liço. [...] A gente inventava tecer, mas o povo não deixava os mais novos aprenderem. Não deixava pra não estragar o pano que era encomenda de outras pessoas. Mas, mesmo assim, eu e minhas primas tecíamos um pouquinho quando minha tia saía"*. Atualmente reside em Guaraita, não desenvolve mais nenhum tipo de artesanato por problemas de visão.





FIANDEIRA



Dercina

Dercina Paulina de Jesus - 10/08/1940



"Cantei assim: no dia do meu casamento eu joguei meu lenço para trás e dei adeus a minha vida de solteira, que agora não volta mais"

Nasceu em Bambuí (MG). Quando começou a engatinhar sua mãe faleceu, veio para Goiás na companhia de seu pai e de sua madrasta. Conta que quando sua madrasta foi ensiná-la a fiar, dava-lhe surras. Foi com a madrinha de seu pai, uma senhora bem velha, que aprendeu o processo da fiação. Perdeu o pai aos onze anos de idade, e desde então realizou todos os tipos de serviço de roça (capiderar, bater arroz, etc). Relata que sente muita saudades daquele tempo, desde o plantar do algodão e de todo o processo pelo qual passa o algodão até ver as peças prontas, principalmente dos mutirões das fiandeiras e suas cantorias. Participou de vários mutirões regionais e eventos na gestão do ex-prefeito Raimundo Azevedo, no Conviver. Atualmente mora em Guaraíta.





FIANDEIRA



Ambrosina

Ambrosina Menezes Silva - 26/03/1945



" A gente era assim, menino naquele tempo era todo mundo da roça, todos eram curiosos. Quando minha mãe largava a roda, nós iam pra roda e estragava o algodão dela tudo. Mas, foi assim que aprendemos".

Natural de Dores do Indaiá (MG), aprendeu o ofício da fiação com a mãe, veio para o Estado de Goiás aos nove anos de idade. Desenvolveu o ofício da fiação até os cinquenta anos, relata que fiava, tingia e pagava dona Chica para tecer cobertas. Só não aprendeu tecer porque sua mãe tinha muitas encomendas e não podia estragar o tecido. Já participou dos eventos das Fiandeiras na cidade de Guaraitá e também participa anualmente do Domingo Cultural. Atualmente reside em Itapuranga.





FIANDEIRA E TECEDORA



Maria

Maria Neusa Ribeiro - 30/12/1945



"Quando aprendemos tecer, nós éramos tão pequenas que uma ficava na espremedeira lá embaixo e a outra ficava lá em cima no tear para passar a lançadeira. Nós éramos seis irmãs, algumas aprenderam".

Nasceu em Matutina (MG), veio para o Estado de Goiás aos 17 anos. Aprendeu o ofício da fiação e da tecelagem com a mãe antes de se mudar para Itapuranga. Atualmente parou com o processo da tecelagem, no entanto, mantém o tear montado, guarda alguns repassos (receita para tear o tecido estampado), também guarda algumas cobertas estampadas. Dona Maria Neusa participou de inúmeros Domingos Culturais.





FIANDEIRA

Zilda



Zilda Menezes da Costa - 07/04/1948



" [...] o que tinha que fazer era isso, não tinha outra profissão."

Nasceu em Abaeté (MG), aos três anos de idade veio para o Estado de Goiás onde aprendeu o processo da fiação com a mãe. Fez o próprio enxoval e depois de casada, realizou vários mutirões em sua casa, além de receber traição (surpresa), ambos eram realizados com o mesmo intuito, de ajudar a dona da casa com o serviço da fiação. Além de fiandeira, também trabalhou no sindicato de Itapuranga e posteriormente no de Guaraíta, foi candidata a vereadora cinco vezes e eleita por três mandatos e trabalhou na Secretaria de Agricultura com os produtores. Participou de várias edições do Domingo Cultural, colaborou na organização do evento das fiandeiras na gestão do ex-prefeito Raimundo, no Conviver da cidade de Guaraíta. Atualmente reside na cidade de Guaraíta e passa por uma recuperação de AVC.





FIANDEIRA E TECEDORA



Rísia

Rísia Rosa de Oliveira - 15/08/1957



"Hoje se tornou um trabalho magnífico, antes era rústico e hoje virou luxo."

Nasceu no município de Heitorai (GO), filha de peão de fazenda. Enfrentou dificuldades para ir para a escola, pois o pai era contra, por isso começou a ir às escondidas logo que adquiriu certa independência. Quando começou a trabalhar, o seu primeiro salário entregou todo ao pai. Aprendeu o ofício da fiação e da tecelagem com a mãe. Relata que ficava olhando a mãe fazer e nas horas vagas, às escondidas, ia lá fiar e tecer. Participou de inúmeros mutirões de fiação, Domingos Culturais e dos eventos da fiação em Guaraíta, sendo uma das fundadoras, junto a Neila, dos projetos da assistência social de Guaraíta. Atualmente é aposentada como professora do estado. Reside em Guaraíta desde 26/07/1976.



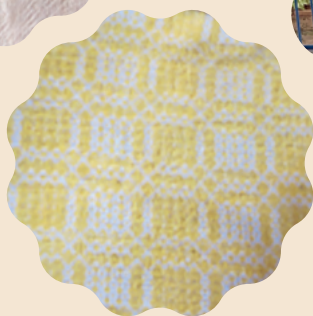


FIANDEIRA



Vicentina

Vicentina Clara Ferreira - 07/04/1946



"Era tão difícil, mas o povo era tudo sadio".

Nasceu na cidade de Catalão (GO). Aprendeu fiar ainda bem pequena, a mãe saía e imediatamente corria para a roda, pegava umas pastinhas de algodão e pelejava para ver se dava uma linha boa, fiava e depois tinha que novelar depressa antes dela chegar, para ela não "danan". Quando se casou, o marido comprou roda e carda para fiar e pagava uma tecedeira para fazer corte de calça, lençol, cobertas, etc. Além de fiar, também aprendeu a costurar com a tia. Atualmente colhe capuchos de algodão do quintal, mas só desenvolve o ofício da fiação no Domingo Cultural. Há aproximadamente quarenta anos reside em Guaráíta.



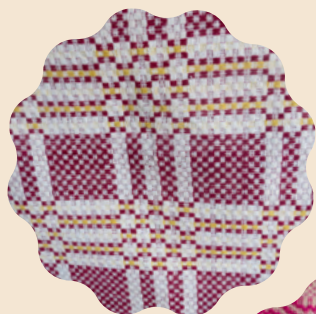


FIANDEIRA



Maria

Maria Aparecida Rodrigues Bueno - 13/07/1945



"Nós sempre fomos evangélicos. Nos mutirões tinha o momento de oração e de cantoria de hinos".

Natural de Itapuranga. Aprendeu o ofício da fiação com a mãe e passou a pagar uma tecelã para tecer. Relata que fez seu próprio enxoval: plantou o algodão, colheu, descaroçou, cardou, fiou e tingiu as linhas (meadas). Depois de fazer o processo da fiação, pagou para confeccionar: cobertas, lençóis, toalhas, corte de roupa e até mesmo o coxinilho para o Joãozinho (esposo) forrar o arreo. Participou de inúmeros mutirões de fiação. Cada mulher que ia levava o seu próprio utensílio: a roda, a carda, o descaroçador. Se divertia muito no mutirão com toda a cantoria. Atualmente não desenvolve mais o ofício da fiação, mas participou algumas vezes do Domingo Cultural e também do Conviver, desenvolvendo outros tipos de artesanato.



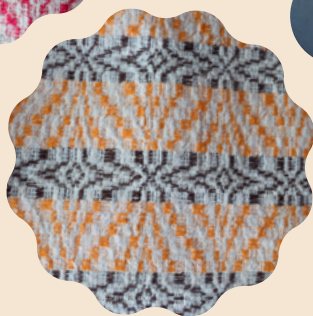


FIANDEIRA



Maria

Maria de Santana Pinto Vieira - 15/06/1943



"Nós éramos cinco irmãs e cinco irmãos. Todas aprenderam fiar"

Natural de Petrolina de Goiás (GO), mudou para a região de Itapuranga antes mesmo de completar um ano de vida. Aprendeu o ofício da fiação com a mãe aos dez anos de idade. Participou de vários mutirões realizados na roça, nos quais se reuniam muitas mulheres. Quando se casou, preparou todo o enxoval, fiou e pagou a cunhada para tecer. Participou várias vezes do Domingo Cultural, com exceção das duas últimas edições, devido o falecimento de suas irmãs. Duas de suas irmãs que faleceram residiam em Itapuranga, todas gostavam de participar do evento. Atualmente reside em Lages, distrito de Itapuranga.





FIANDEIRA

Elzi



Elzi Maria da Silva - 27/10/1951



" [...] Hoje o pouco não faz mais, lá no corgo grande e na queirobinha eu ia. Colocava minha rodinha na cacunda e ia pro mutirão"

Natural de Bambuí (MG), veio para a região de Itapuranga (GO) quando ainda era criança. Aprendeu o ofício da fiação com a mãe, que tinha nove filhos, sendo apenas duas mulheres. É a única entre os irmãos que está viva. Relata: *"Minha mãe descaroçava e cardava até tarde da noite, no outro dia fiava, eu ajudava em todos os processos"*. Depois que fiava e tingia as meadas, pagava uma tecelã para fazer o tecido. Participou de mutirões de fiação, dos quais gostava muito, mas relata: *"cantar não era comigo não"*. Atualmente só desenvolve a fiação no Domingo Cultural.





FIANDEIRA

Cecilia



Cecilia Francisca da Costa - 10/06/1942



"Fiar é simples demais, não é difícil! Tem que ter paciência pra catar o algodão, descaroçar, bater pra ficar macio, cardar e depois fiar."

Nasceu na fazenda Serra Negra, município de Douradoquara (MG). Veio para Goiás com o esposo e dois filhos há 62 anos. Aprendeu a fiar com a mãe, que dizia que as filhas tinham que aprender porque não ia viver muito por causa de problemas de saúde. Eram nove irmãos, quando a mãe faleceu o mais velho tinha 14 anos de idade. Duas irmãs aprenderam a tecer na casa da avó que tinha o tear e a tia as ensinou. Todos os dias que chegava lá tinha sacos cheios de novelos de linha que a tia pegava para tecer. Na casa de seu pai, tudo feito com algodão: lençol, fronha, calças, forro de prateleira e mesa. Depois de fiar, pagava uma tecelã pra tecer o tecido. Quando veio para região de Guaraíta (GO) participou de vários mutirões.





FIANDEIRA



Ana

Ana Justina Nascimento - 08/10/1946



" [...] Eu achava bom os mutirões das fiandeiras, era uma farrá, juntava aquela turma e passava o dia todo alegre, com muitas cantorias".

Natural de Patos de Minas (MG), aprendeu fiar com a mãe que era fiandeira e tecedeira. Chegou em Goiás aos 13 anos de idade na companhia do pai e irmãos, após a morte da mãe. Em solo goiano, casou e teve seus filhos, sempre trabalhando com o algodão e no roçado. Sempre labutando na vida. Participou de vários mutirões, inclusive os que foram organizados pela prefeitura de Guaraíta. Relata que *"na época em que mexíamos com muito algodão, reuniam 30 a 40 fiandeiras, era muito mesmo"*. Além de participar de muitos mutirões, trocava dia e muitas vezes pegava algodão na "meia" para fiar. Depois de fiar e tingir as meadas, pagava uma tecelã para tecer o tecido.



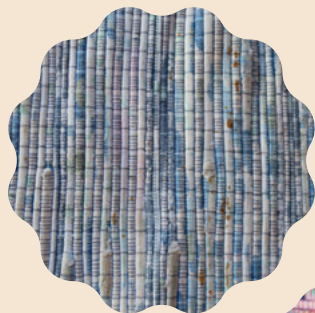


FIANDEIRA

Maria



Maria Madalena Martins - 17/04/1948



"Minha mãe fazia muitos mutirões na nossa casa, ela gostava de reunir as amigas fiandeiras. Cantavam o dia todo, todas eram alegres".

Natural do estado de Minas Gerais, veio para Goiás aos 14 anos de idade. Aprendeu a técnica da fiação com a mãe. Participou de vários mutirões e trações, além de pegar na meia, como ressaltou na entrevista: *"Ajudei minha amiga Doralice plantar muitos algodoeiros, no período da colheita eu ajudei novamente. Falei pra ela que tinha ajudado a plantar e colher pra ela dar na meia pra minha mãe, pra que eu e minha mãe pudéssemos cardar e fiar"*. Depois das meadas prontas, tingia e pagava para tecer. Reside em Guaraíta há mais de quarenta anos. Atualmente não desenvolve mais o ofício.

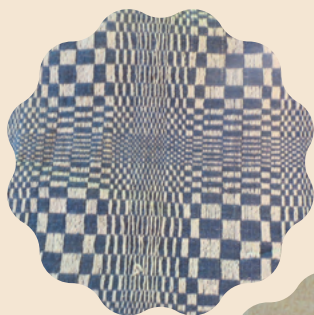




FIANDEIRA Maria



Maria Carolina de Jesus - 05/11/1943



"Aprendi o processo da fiação com minha bisavó".

Natural de Arapuá (MG), mudou-se para Goiás depois de casada. A bisavó, avó, mãe e tias eram fiandeiras, todas tinham suas casinhas e suas rodas. Era o que garantia o pão de cada dia. Relata: *"Pegava o algodão na meia, era aquela luta"*. Em Minas Gerais, participou de vários mutirões, cada mês fazia em uma casa, onde juntavam muitas fiandeiras que cantavam o dia todo em um ambiente alegre. Aqui no município de Itapuranga (GO). Participou de inúmeros Domingos Culturais, mas nos últimos dois anos não conseguiu participar devido a um problema de saúde do esposo que não pode ficar sozinho. Relata que sente falta de participar do evento.





FIANDEIRA

Maria



Maria Ilda da Silva - 19/04/1944



"Eu tecia durante a semana para as pessoas por encomenda e no fim de semana (sábado e domingo) tecia pra minha mãe, éramos 10 irmãos, usávamos tudo de algodão [...]"

Nasceu em Formiga (MG), com quatro anos de idade chegou no Xixazão. Relata que: "[...] O papai falava: - Minhas filhas vocês tem que aprender a trabalhar, pra vocês terem suas vidas. [...]. Com onze anos de idade eu e meu pai fomos em Caiçara e compramos da dona Ambrosina um tear, a coisa mais linda. Colocamos no carro de boi e fomos pra casa. Chegou lá em casa, minha mãe falou: - Agora besta, quem vai ensinar ela a tecer? A avó paterna era tecedeira, aí o papai falou: Eu ensino. Ele ensinou usando apenas dois pés, aí invoquei a tecer. Com treze anos uma comadre ensinou tudo, todos os tipos de repassos. Até hoje sei os repassos de cor na cabeça. Tinham os repassos escritos, olhava duas vezes e decorava". Teceu por 25 anos.



Considerações Finais

O ofício da fiação e da tecelagem artesanal foi trazido por mulheres migrantes, sobretudo de Minas Gerais, que contribuíram para a formação da região do Xixá. Ao longo dos anos essa cultura introduzida nas comunidades rurais e na formação do povoado foi sendo lentamente esquecida, deixando de ser transmitida diante do contínuo processo de modernização.

Trazer esse debate da fiação e da tecelagem como patrimônio cultural local contribui para que as mulheres que continuam desenvolvendo o ofício possam ser inseridas nas políticas culturais. É fundamental que a arte da fiação e da tecelagem artesanal seja valorizada, a fim de que aquelas que ainda exercem o ofício possam obter renda e melhorar as condições sociais através do próprio trabalho.

É através da narração das experiências desse saber-fazer que o conhecimento sobre as fiandeiras e tecedeiras dos municípios de Itapuranga (GO) e Guaraíta (GO) pode ser apreendido e difundido como patrimônio cultural local. Essas memórias fazem parte do conjunto das referências culturais da região. Portanto, o objetivo é “construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas” (IPHAN, 2016, p. 9).

A preservação da memória traz a possibilidade de ouvir os indivíduos através de uma perspectiva que identifica um grupo com suas características e que, por vezes, não teve oportunidade de relatar suas próprias histórias e saberes, o que acarretou em um esquecimento social de práticas culturais. O foco, quando se refere ao patrimônio cultural brasileiro, é buscar desconstruir essa invisibilidade que marca a trajetória destes grupos, identificá-los como agentes históricos, entrevistá-los e fazer uso dessa seleção de memória.

Muitas fiandeiras deixaram a produção manual dos fios com algodão por terem seus trabalhos desvalorizados ante as atuais possibilidades de consumo, com fios e tecidos industrializados. Por outro lado, há ainda aquelas que se esmeram na produção dos fios, apesar da escassez do algodão, e há tecedeiras, cuja renda obtida com a venda de seus tapetes por encomenda ou em exposições em ocasiões de ajuntamento comunitários, muito contribui em seus orçamentos domésticos.

Por isso, mais do que um patrimônio a ser valorizado e inventariado, a fiação e a tecelagem artesanal é um saber-fazer regional a ser reintroduzido e fortalecido entre os moradores, como instrumento potencializador da economia solidária.

Este livro foi uma forma de cooperar com quem abriu as portas para nossa pesquisa. O objetivo é dar visibilidade a essas mulheres fiandeiras e tecedeiras, em âmbito local e regional, com a finalidade de valorizar esse saber-fazer como herança cultural.

Apesar dos esforços, não foi possível contemplar todo o universo de mulheres fiandeiras e tecedeiras da região, pois algumas não aceitaram participar e muitas outras realizam seu trabalho anonimamente, não tendo sido indicadas na rede de contatos criada. Essa é a razão pela qual acreditamos que o trabalho do registro dessa referência cultural do Xixá não se esgota com este livro, mas tem nele um importante início.

Além disso, o saber-fazer se desdobra em inúmeras possibilidades de registro histórico, a exemplo dos repassos, que eram transmitidos oralmente para a produção de diferentes estampas no tecido, e passou a ser transmitidos por códigos escritos de orientação para as tecelãs.

A pesquisa demonstrou ainda a necessidade de aprofundamento nos rituais dos antigos mutirões e nas redes de sociabilidade que se formavam. Há muito ainda a inventariar, a fim de deixar um registro significativo que contribua para a visibilidade e valorização do trabalho da fiação e da tecelagem artesanal local. Afinal, no fiado do algodão e na urdidura dos fios também são entrelaçadas a cultura e a memória de quem os tece.

Referências

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, I Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação - SIRSSE, 10. 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011, p. 329-341.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Festas de Trabalho. In: *Aprender e ensinar nas festas populares*. TV Escola / SEED – MEC, Boletim 2, Abril, 2007.

GARCIA, Marcolina Martins. *Tecelagem artesanal: estudo etnográfico em Hidrolândia – Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 1981.

IBGE. Instituto brasileiro de Geografia e Estatística. *Cidades*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso: 20 jun. de 2022.

IPHAN (Brasil). Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

LEMOS, Thomaz F. *Terra Xixá*. Itapuranga, 1990.

MIRANDOLA, Norma Simão Adad. *As tecedeiras de Goiás: estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Goiânia: CEGRAF/UFG. 1993. 414 p. ilust. (Coleção Documentos Goianos,23)

OLIVEIRA, Letícia de Cássia Costa Grande de. *Lã crua, fios da memória: mulher, artesanato e patrimônio cultural do Rio do Sul*. 145 fls. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

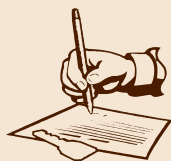
SANTOS, Arlethe Cezar dos. *Entre fios e tramas: mulheres e tecelagem na Chapada dos Veadeiros*. 51 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado) - Universidade de Brasília. Alto Paraíso de Goiás - GO, 2018.

SILVA, Valtuir Moreira da. Narrativas e memórias das mulheres tecedeiras e fiandeiras em Itapuranga. In: OLIVEIRA, Hélio Frank de; VICALHO, Poliene Soares dos Santos; MIRANDA, Sabrina do Couto de (Orgs.). *Educação e diversidade: Múltiplos Olhares*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2013.

SILVA, Valtuir Moreira. *Trabalhadores(as) rurais em Itapuranga: (re)invenção no cotidiano de suas experiências de luta – 1956 – 1990*. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, Valtuir Moreira da.; OLIVEIRA, Abadia Maria de. Os saberes das tecedeiras e fiandeiras: narrativas e experiências em Itapuranga-GO – 1970 – 2010. In: Simpósio Nacional do CIEAA, 4. ed., 2012, Anápolis. *Anais...* Anápolis:UEG,2012, p.340-350.

SOARES JUNIOR, Glauber; BATISTA, Fabiano Eloy Atílio. A manutenção de saberes por mulheres idosas: O caso da tecelagem manual da cidade mineira de Resende Costa. *Revista Longeviver*, São Paulo, Ano II, n. 6, 2020. Disponível em: <http://revistalongeviver.com.br/index.php/revistaportal/article/view/826/884>. Acesso em maio de 2022.



As autoras

Jordana Pereira de Moraes



Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG/ UnU Itapuranga). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Atualmente é mestranda do Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/ UEG), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Atualmente é professora substituta na rede básica de ensino do município de Uruana (GO).

Luana Nunes Martins de Lima



Graduada em Turismo pelo Instituto Federal de Goiás (IFG). Licenciada e mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e especialista em História Cultural pela mesma instituição. Doutora em Geografia pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina.

Agradecemos a todas as participantes da pesquisa, fiandeiras e tecedeiras, que contribuíram com a produção deste inventário participativo. Agradecemos também, de forma especial, a **Maria Pereira dos Santos (Dona Augusta)**, a **Maria Luíza Joaquim Barbosa Coelho** e a **Neila Marcia Martins de Oliveira**, que deram suporte no processo de identificação e contato com as participantes da pesquisa. Por fim, agradecemos a **Generosa Ferraz da Silva**, que generosamente aceitou ser proponente do projeto que viabilizou os recursos para esta publicação. Todas são co-autoras desta obra.

SOBRE O LIVRO:

Formato: 15,5 X 23 cm

Tipologia: Opens Sans e Zenaida

Papel de Miolo: Couchê fosco branco, 90g/m²

Papel de Capa: Supremo 250g/m²

Número de páginas: 78

Tiragem: 200

Impressão: UICLAP

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

2024

Impresso no Brasil / Printed in Brazil.